

Gustavo Peretti Wagner<sup>1</sup>  
Danilo Vicensotto Bernardo<sup>1,2</sup>

## A ARQUEOLOGIA EM CONTEXTO DE PANDEMIA

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAnt, Instituto de Ciências Humanas – ICH, Universidade Federal de Pelotas – UFPel, [gustavo.peretti.wagner@gmail.com](mailto:gustavo.peretti.wagner@gmail.com)

<sup>2</sup> Laboratório de Estudos em Antropologia Biológica, Bioarqueologia e Evolução Humana – LEAB, Área de Arqueologia e Antropologia, Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, [danilobernardo@furg.br](mailto:danilobernardo@furg.br)

As Ciências Humanas, e a Arqueologia, como disciplina fundamentada nesse campo do saber, se dedicam, entre inúmeras dimensões do comportamento humano, a compreender e analisar as relações entre pessoas e ambientes nas sociedades (BEZERRA, 2013) tanto em relação ao passado quanto em relação ao contemporâneo (FUNARI, 2005), incluindo suas implicações políticas (FERREIRA & FUNARI, 2009).

Após o relato, em dezembro de 2019, de que havia um novo tipo de síndrome respiratória aguda grave – SARS, causada por um novo coronavírus do tipo 2 – Cov2 (daí a nomenclatura SARS-CoV-2), a cidade de Wuhan na China, se tornou o primeiro epicentro do surto dessa doença. A cidade, com uma população de cerca de 14 milhões de habitantes teve, entre 31 de dezembro de 2019 e 7 de janeiro de 2020, um aumento exponencial de casos da doença, fazendo com que as autoridades chinesas confirmassem a situação de epidemia causada pelo novo coronavírus SARS-Cov-2 (ZHANG et al, 2020).

Em cerca de quatro meses, o SARS-CoV-2 se disseminou por todo o globo sendo reportados mais de 2,5 milhões de casos confirmados da doença e mais de 187.000 óbitos confirmados até abril de 2020 (JHU, 2020), sendo classificada pela Organização Mundial de Saúde – OMS, uma situação de emergência em saúde pública de interesse internacional, em 30 de janeiro de 2020 e de pandemia em 11 de março de 2020 (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Desde então, novas situações têm alterado as normas e relações sociais previamente comuns e estabelecidas em desdobramento à situação emergencial enfrentada pela sociedade (NAKAGAWA, 2020). Enfrentamos novas relações de vínculos pessoas, situações de isolamento e confinamento, alterações nas relações de consumo, no mundo do trabalho, do entretenimento e da educação, da solução de questões públicas e de saúde e das consequências psicológicas e psicossociais decorrentes do enfrentamento desse novo contexto, o “novo normal” (DUMONT, 2020; MORGADO et al, 2020; PAIXÃO et al, 2020; PINTO, 2020; SILVA et al, 2020).

Com a preocupação de registrar, interpretar e investigar essa situação de mudança, seja em sua relação com o mundo material seja com o mundo imaterial, que propusemos um olhar analítico e interpretativo das diversas dimensões e comportamentos sociais decorrentes da emergência epidemiológica experimentada nos primeiros meses de 2020. Nesse contexto, a Arqueologia, numa perspectiva etnoarqueológica, referenciando as interpretações sobre o passado e, também, o presente (SILVA, 2009), apresenta um arsenal teórico-metodológico rico e diversificado para que acompanhem o desenrolar desse mundo pandêmico, incluindo, aí, as consequências sociais das ações adotadas.

Neste sentido, apresentamos esse suplemento “Arqueologia” do Dossiê Especial Covid-19 “As Ciências Sociais em tempos de pandemia: inquietações coletivas”. Com uma coleção de onze artigos, visitamos diferentes aspectos da rela-

ção entre a sociedade e a pandemia, vistas a partir de olhares e práticas comuns à Arqueologia. Organizamos os artigos em duas subseções, que não se apresentam separadas, mas se refletem na sequência dos manuscritos. A primeira dela, contando com cinco artigos, debate, a partir de olhares e do arcabouço teórico-metodológico da Arqueologia, as origens, o histórico e as consequências imediatas da vivenciadas em tempos de pandemia. A segunda parte, contando com seis textos, também apresenta consequências decorrentes da pandemia, discutindo, no entanto, reações, inovações e novas interpretações da Arqueologia frente ao “novo normal”, para usar um termo atualmente difundido, em tempos de Covid-19.

Para iniciar esta primeira seção de A Arqueologia em tempos de pandemia: inquietações coletivas, Wagner & Silva apresentam uma reflexão acerca das epidemias e doenças que marcaram a história. Adotando uma interlocução entre a arqueologia e a história, os autores tecem uma narrativa processual que transitando pela história das epidemias, suas origens, dispersão e impactos nas transformações sociais, interpretando o papel social desses eventos em “Contando Contágios: Arqueologia e História em Tempo(s) de Epidemia(a)”.

Seguindo essa investigação arqueológico-etimológica sobre as origens do novo coronavírus, Borges & Carneiro, relatam e discutem em “Morcegos, humanos e pandemias: perspectivas de longa duração para o entendimento das relações entre sociedades e ambientes”, a suposta associação entre a emergência da pandemia mundial e sua relação direta com o consumo de animais silvestres. No artigo, as autoras fazem uma reflexão sobre a longa e intensa interação que humanos e outros animais, sobretudo nos últimos 10 mil anos. As autoras apresentam evidências do consumo de animais silvestres em sítios arqueológicos, explicitando as mudanças das relações entre sociedades, animais e ambientes ao longo do tempo e as consequências do avanço acelerado da antropização dos ecossistemas, incluindo o surgimento e proliferação de patógenos entre diferentes espécies.

De maneira complementar, em “A perda e o luto em tempos de Pandemia: reflexões a partir da Arqueologia da Morte”, Bernardo & Almeida reúnem três fontes de informação para reflexão: i) como a morte, e todas as ações e manifestações relacionadas a esse evento, implicam e refletem características da organização social; ii) o histórico de surgimento e disseminação do SARS-CoV-2 e a evolução da situação de epidemia para pandemia da Covid-19; e, iii) um recorte quantitativo do número de óbitos decorrentes de Covid-19 no Brasil em comparação às principais causas de morte comumente registradas no país. Os autores demonstram que, quantitativamente, o número de óbitos relacionados à Covid-19, embora altíssimo, parece não contar, proporcionalmente, com a devida atenção da sociedade, podendo representar, por diferentes causas, uma certa normalização social da morte de algumas parcelas da população, com consequências inquestionáveis para a organização e estabilidade social.

Os efeitos da primeira pandemia enfrentada por esta geração e suas consequências ao atendimento dos serviços públicos de saúde no Brasil é a preocupação inicial de Lobo no artigo “Povos indígenas e Covid-19: a judicialização do subsistema indígena de saúde”. Na pesquisa, a autora trata especificamente do direito à saúde dos povos indígenas em meio à pandemia, apresentando uma análise da implementação do Subsistema Indígena de Saúde. Através da utilização do método dedutivo aliado às técnicas de pesquisa bibliográfica, pela exploração histórico-legislativa, doutrinária e jurisprudencial e com a análise da ADPF 709 a autora demonstrou a urgência da implementação definitiva do Subsistema Indígena de Saúde.

O olhar contemporâneo sobre as novas faces do mundo pandêmico é o mote central do texto “Novas Faces do Mundo: máscaras e materialidades em tempos de pandemia da COVID-19.” de Silva. A autora discute como que na atual conjuntura a sociedade, em termos globais, necessita reescrever sua postura para além da simples reestruturação econômica, uma vez que, como argumenta, acabamos de detectar uma crise civilizacional e sanitária gerada por um modo de vida centrado num sistema gerador de desigualdades e pautado pela exclusão de classe, raça e gênero. A autora demonstra, ainda, que a emergência dessa “nova normalidade” para tempos de pandemia e pós-pandemia apresenta, também, o surgimento de novas materialidades e novas relações sociais, descortinando uma série de desigualdades historicamente postas. Em um exercício empírico-observacional, a autora discute aspectos da economia, variabilidade estética, empatia, sentido de coletividade e desigualdade social por meio das máscaras de proteção individual em tecido, de uso recomendado em tempos de contenção da doença.

A Arqueologia, integrante das Ciências Humanas e Sociais, caracteriza-se por ser uma disciplina de práticas dinâmicas, refletindo as mudanças sociais, interferindo, e sendo interferida, pelo contexto histórico-social em que seus atores estão inseridos. Dessa forma, uma série de (re)ações foram desenroladas pela comunidade envolvida com Arqueologia, significando, ressignificando, interpretando e reinterpretando situações comuns à prática científica e metodológica, que foram alteradas em decorrência da pandemia. Os artigos apresentados a seguir refletem essas mudanças. Silva & Tramasoli, por exemplo, apresentam a reflexão sobre a prática arqueológica e suas principais funções no início deste século, com vistas a problematizar e investigar as relações materiais entre humanos e não-humanos em detrimento da construção de narrativas deslocadas da contemporaneidade. Em seu artigo, “O vírus e os materiais: uma arqueologia da pandemia”, os autores argumentam, assim, a importância da Arqueologia como uma ciência voltada ao enfrentamento da doença, a partir da reaproximação de nossa organização social à uma vida sensível e responsiva.

“Uma única coleção: Patrimônio Arqueológico da União? Objetos sagrados dos Munduruku? A COVID 19 e um trabalho inconcluso” é o artigo elaborado por Caldarelli & Caldarelli, apresentando reflexões e questionamentos acerca de

uma longa disputa sobre a destinação de vestígios culturais das etnias Kayabi, Apiaká e Munduruku e a quem caberia a decisão sobre essa destinação. Os autores tocam uma questão sensível e relevante à gestão do patrimônio arqueológico, demonstrando como, em uma situação de exceção, como é a vivenciada em tempos pandêmicos, atores comuns a esse debate, como profissionais de arqueologia, sociologia e direito ambiental, por exemplo, além das comunidades interessadas na disputa, acabaram aliados do processo, devido às configurações impostas pelo “novo normal”.

Abordagem semelhante é apresentada por Marques em “O con(tato): a sensorialidade na arqueologia em tempos de pandemia”. A autora argumenta que as práticas e pesquisas de campo em Arqueologia constituem imersões culturais nas sociedades estudadas que, notada e frequentemente, são mediadas pela experimentação de percepções e sensações dos sujeitos e objetos a partir de apreensões táteis, olfativas e de outras formas de proximidade. Em contexto de pandemia e isolamento social, no entanto, a autora discute as limitações interpretativas e metodológicas decorrentes dos comportamentos impostos para a precaução para a expansão do vírus. Nesse sentido, Marques reflete sobre quais ferramentas, como a etno-história e a arqueologia digital, por exemplo, podem permitir a apreensão de nuances outras que representem resistência às limitações impostas pela situação epidemiológica que vivemos.

“O ensino de Arqueologia no mundo pós-pandemia: possibilidade e aproximações com a pedagogia contemporânea” é o artigo apresentado por Surya, discutindo aspectos fundamentais para a reflexão sobre o ensino de Arqueologia no universo pós-pandemia. O autor debate a utilização dos processos de tutoria como uma ferramenta para o ensino e aprendizagem em Arqueologia com vistas a diminuir o contato social presencial entre agentes destes processos, diminuindo, assim, situações de riscos e prejuízos a saúde, considerando a alta periculosidade da doença. O autor argumenta, ainda, que o despertar da autonomia e espírito crítico entre discentes, aliadas a ações inovadoras, como simulações de práticas arqueológicas, por exemplo, podem mitigar eventuais prejuízos decorrentes da diminuição das atividades presenciais.

De maneira complementar e alternativa, Akinruli & Akinruli refletem sobre o papel da Arqueologia como área de produção de conhecimento e memórias sociais e como esta atividade é influenciada em um contexto complexo como o vivenciado durante a pandemia de Covid-19. Em seu artigo “Antropoceno, Arqueologia e Memória Social: a pandemia de Covid-19 como um evento crítico”, os autores argumentam que, contrariamente ao esperado devido às condições de isolamento social, especialmente no que diz respeito sobre as dificuldades enfrentadas sobre as práticas arqueológicas, as medidas de contenção à expansão e difusão da doença, notadamente o isolamento social, pode representar um momento ímpar de reflexão e, fundamentalmente, de extroversão arqueológica, inserida à interpretação dos eventos críticos decorrentes do Antropoceno.

O legado patrimonial, material e imaterial, decorrente do período pandêmico pode ser interpretado e discutido a partir das reflexões apresentadas no artigo “Marsul: um museu na quarentena”. Neste trabalho, Soares nos apresenta um olhar dedicado à agência dos objetos nesta situação de pandemia e isolamento social. Considerando a suspensão de visitas ao MARSUL, um dos mais importantes museus de arqueologia do país, e as situações vividas pela instituição nas últimas décadas, o autor reflete sobre a gestão do museu e de seu acervo a partir de teorias sobre cultura material, considerando a instituição – e seus conteúdos – como atora em uma rede de agentes, sendo constituída pelos “trechos, troços e coisas” que a compõe, como reflexo das relações sociais em que toda essa rede é imersa.

Finalmente, gostaríamos de deixar duas mensagens: a primeira, uma homenagem às vítimas, familiares, amigas e amigos que sofreram e sofrem com a atual pandemia. Esperamos e torcemos para que possamos, todos e todas, construir um novo entendimento de sociedade, de civilização e de instituições, que priorizem pessoas, suas vidas e suas histórias. Esperamos que o material por nós organizado seja útil para reflexões que colaborem para a construção desse novo entendimento de sociedade. Gostaríamos, em segundo lugar, de desejar uma boa leitura.

## BIBLIOGRAFIA

AGÊNCIA BRASIL, Empresa Brasileira de Comunicação. **Organização Mundial da Saúde declara pandemia de coronavírus**. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>, acessado em 03/07/2020, 2020.

BEZERRA, Marcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. **Revista de Arqueologia Pública**, v. 7, n. 1, 107-122, 2013.

DUMONT, Patrícia Santos. 'Novo normal'? Mundo pós-pandemia deve concretizar mudanças vividas no isolamento. **Hoje em dia**, 17/05/2020. Disponível em <<https://www.hojeemdia.com.br/plural/novo-normal-mundo-p%C3%B3s-pandemia-deve-concretizar-mudan%C3%A7as-vividas-no-isolamento-1.786893>>, acessado em 06/09/2020, 2020.

FERREIRA, Lúcio Menezes; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia como prática política. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 4, n. 1, DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S1981-81222009000100002>, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. **Mneme – Revista de Humanidade**, v. 6, n. 13, disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/267>>, acessado em 01/09/2020, 2005.

JHU, Johns Hopkins University. **Coronavirus COVID-19 Global Cases by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University**. Disponível em <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>, acessado em 04/08/2020, 2020.

MORGADO, José Carlos; SOUSA, Joana; PACHECO, José Augusto. Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular. **Práxis Educativa**, v. 15, DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16197.062>, 2020.

NAKAGAWA, Marcus. Precisamos de um novo normal pós pandemia? **Folha de São Paulo**, 25/06/2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/emprededorsocial/2020/06/precisamos-de-um-novo-normal-pos-pandemia.shtml>>, acessado em 06/09/2020, 2020.

PAIXÃO, Roberto Brasileiro; BARBOSA, Allan Claudius Queiroz; SALES, Jefferson David Araujo. Editorial – A produção científica e a formação em administração: é possível dissociar relevância e rigor em tempos de pandemia? **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**, v. 14, n. 29, 3672-3680, 2020.

PINTO, Simã Catarina de Lima. Sociedade do Excesso: a pandemia da indiferença. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 10, n. 23., 116-119, 2020.

SILVA, Fabíola Andréa. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. **MÉTIS: história & cultura**, v. 8., n. 16, 121-139, 2009.

SILVA, Leonardo Emilio; COHEN, Ricardo Vitor; ROCHA, Jaime Luis Lopes; HASSEL, Viviane Maria Carvalho; VON-BAHTEN, Luiz Carlos. Cirurgias eletivas no “novo normal” pós-pandemia da COVID-19: testar ou não testar? **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0100-6991e-20202649>.

ZHANG, Yi; XU, Jiuyang; HUI, Li; CAO, Bin. A Novel Coronavirus (COVID-19) Outbreak. A Call for Action. **American College of Chest Physicians**, DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chest.2020.02.014>, 2020.